

O apocalipse das mudanças climáticas e os ecos da mentalidade geográfica clássica

NILSON CORTEZ CROCIA DE BARROS¹

A IMAGINAÇÃO apocalíptica é um traço da vida espiritual da humanidade, mas a profecia ou visão apocalíptica vai mudando, ressurgindo, atualizando-se de acordo com o ambiente histórico no qual ela está imersa, e Dr. David Livingstone nos narra essa aventura numa era marcada por mudanças climáticas antropogênicas sem precedentes. Fato é que, contemporaneamente, há uma disseminada crença no apocalipse climático, e ele aparece sob o título de mudanças climáticas. Estamos, nas últimas décadas, diante de um vigoroso ressurgimento do determinismo climático de natureza escatológica, como se o futuro da humanidade pudesse até ser medido em graus. As advertências contidas nos relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS) nas últimas décadas sobre catastróficos efeitos das mudanças climáticas sobre o bem-estar humano lançam mais combustível no ambiente das ideias. A história humana passa a ser futuralizada desse modo e se dissemina uma ecoansiedade tremenda em relação aos cenários ambientais que nos aguardam. A topografia clíматo-cultural do Antropoceno é fértil para jornalistas e cientistas-pop.

Mapear com um olhar geográfico e filosófico a resiliência do determinismo climático, desde os horizontes históricos clássicos até o mundo contemporâneo, foi a exigente e gigantesca tarefa realizada por Dr. David Livingstone; dela resultou a obra *The Empire of Climate: the History of an Idea*, cujo título deriva da afirmação de Montesquieu, em *O Espírito das Leis*, de que o império do clima é o primeiro e o mais poderoso dos impérios. Quando se investiga circunstancialmente a genealogia de uma ideia, revelam-se aspectos que o entusiasmo dos modismos contemporâneos esconde; então o autor lança luz nessa zona envolta em penumbra que é a persistência de certos impulsos, de certos sentimentos ou crenças ou arquétipos que se constituem na condição humana metafísica. O presente trabalho se concentra minuciosamente sobre uma daquelas quatro tradições do pensamento geográfico identificadas por Pattison (1977), nomeadamente a tradição das relações homem-meio, no caso propriamente as relações homem-clima. *The Empire of Climate* se insere propriamente na linhagem bibliográfica acerca da história do pensamento geográfico que inclui nos anos de 1960 o trabalho de Clarence J. Glacken (1967), *Traces on the Rhodian Shore: Nature and Culture in Western Thought from Ancient Times to the End of the Eighteenth Century*.

O texto de Dr. Livingstone é uma reação a um novo contexto social, político, cultural e ambiental estabelecido nos últimos 50 anos, quando a noção de Antropoceno parece haver enterrado a separação entre a História Natural e a História Cultural ou Humana. Nos últimos 200 anos a população humana passou de 1 para 8 bilhões de habitantes e hipermultiplicou a extração de recursos do ambiente geográfico envolvente, o Espaço Geográfico. Essa população impactou o meio e, sendo ela parte também do meio, foi brutalmente autoimpactada. Em sequência ao *Relatório do Clube de Roma* (1972), as mudanças climáticas se tornaram o grande tema para acadêmicos, jornalistas climáticos, cientistas populares, políticos etc. ao final do século XX e no século XXI. *The Empire of Climate* é uma reação a este aqui e agora da imaginação geográfica.

Um vasto arsenal de fatos e interpretações acerca das influências climáticas sobre a experiência humana no planeta, desde as longínquas civilizações clássicas até o presente, é apresentado nas cinco centenas de páginas da obra que se apoia em uma vastíssima bibliografia de mais de mil títulos, de modo que se tem um vasto, erudito e inteligente panorama da ontologia da ideia de clima. Desde o evento extremo do dilúvio como castigo divino do qual escaparam bíblicamente apenas Noé e família – pela sua lealdade divina – e um casal de cada exemplar animal, até os cenários do aquecimento global associado à modernização, Dr. Livingstone descreve como a ideia de clima estereotipou a terra e o homem de certas zonas geográficas, justificou escravidão, baseou pontos de vista raciais, nutriu noções eugênicas e encobriu culpas políticas e sociais. O autor assim espera contribuir para os diálogos que buscam encontrar horizontes de reflexão e comportamento no nosso atual – como afirma ele – “angustiante ambiente climático”.

A ideia antiga de que o clima controla ou condiciona, determina ou dirige a vida humana de várias maneiras é ressuscitada de forma pervasiva e impressionante como aquecimento global na nossa autoconsciente (*alter ego*) era do Antropoceno, afirma Dr. Livingstone. Então o livro, realmente, ao pôr em diálogo o passado e o presente das interpretações climáticas da experiência histórica humana, revela uma topografia intelectual inquietante e de tonalidades sombrias, mas o livro se propõe encorajador, intrigante e questionador das interpretações deterministas. História Cultural ou Humana e História Natural não mais podem ser apreciadas em separado. A nossa espécie causou efeitos tão devastadores no planeta que nos perguntamos que consequências isso tudo terá para a continuação da espécie? O medo do apocalipse climático superou mesmo o do fim do mundo por explosão nuclear que imperializou a humanidade por meio século. O livro procura avaliar a persistente crença de que o clima exerce um inelutável poder sobre a espécie humana, formatando amplamente tudo da vida humana desde o mais remoto passado até a História Cultural recente. A própria experiência do povoamento das Américas teria sido uma mera decorrência do clima, quer dizer, do aquecimento global que permitiu a entrada neste continente de populações asiáticas através do Estreito de Bering.

O livro se divide em quatro partes ou complexos de relações em torno do clima. A primeira delas é dedicada às relações clima/saúde física humana. A segunda parte do livro tem como seu centro de gravidade, nas palavras de Dr. Livingstone, “a influência do tempo e do clima sobre a alma humana”. A terceira parte aprecia o campo das interações entre o clima e a riqueza das nações. A quarta parte resgata os esforços feitos por vários pensadores para entender as relações entre clima e propensões guerreiras ou de temperamento bélico dos povos.

Na Parte 1 Dr. Livingstone afirma que há uma revitalização contemporânea da longa tradição geográfica de entender o corpo humano como uma entidade biometeorológica. Hipócrates (460 a.C.- 370 a.C.), o célebre médico grego, é a referência clássica da qual somos herdeiros. Ele entendia que mulheres vivendo em cidades expostas aos ventos quentes do Sul exibiriam propensão às doenças e a menstruações excessivas, enquanto os homens seriam propensos às diarreias; e que os homens expostos aos ventos frios do Norte seriam suscetíveis aos problemas respiratórios, oftalmológicos e à epilepsia. Dr. Livingstone dedica então atenção às variadas discussões sobre os efeitos cardiovasculares, neurológicos, respiratórios e outros do clima – associados às mudanças climáticas – no bem-estar humano e as consequências disso para os sistemas públicos de assistência à saúde. Especial atenção é dedicada à literatura médica dos séculos XVII, XVIII e XIX, quando o mundo foi cartografado em territórios sadios e territórios doentios pela geografia zonal e se desenvolve uma vasta bibliografia na medicina climática, topográfica ou geográfica. Tal literatura foi responsável pela busca por áreas de clima montano por parte das populações de origem europeia quando vivendo nos trópicos, visando escapar das altas e consideradas doentias temperaturas das terras baixas. Tal visão curativa na medicina levou aos sanatórios em zonas de montanhas e ao turismo replicando paisagens culturais temperadas do velho continente. Destaque especial merece o tema da medicina tropical. Apresentam-se também as influências climáticas nos cálculos de seguros de saúde para viajantes.

A Parte 2 examina as relações entre o clima, suas alterações e a evolução da espécie humana. Discutem-se recentes estudos de paleoantropologia que apresentam as mudanças climáticas como o principal motor da emergência das populações de hominídeos de cérebro mais amplo, da passagem dos ancestrais *homo erectus*, *homo neanderthalensis* etc. para o *homo sapiens*. Os desafios para se adaptar às mudanças climáticas teriam auxiliado esses ancestrais no aumento da flexibilidade cognitiva da espécie. Discutem-se os mapas relacionando clima, migração e evolução das raças devidos a Griffith Taylor, e também o credo climático de E. Huntington, que afirmou: “[...] o cérebro humano, o mais sensível dos órgãos, evolui mais rapidamente quando submetido aos extremos climáticos”. Examina-se ainda nessa Parte as relações entre clima e o espírito coletivo das nações e entre as mudanças no tempo meteorológico e os estados da alma. Clássica associação é aquela entre melancolia e tempo meteorológico. Fala-se

numa síndrome da saúde mental na qual exaustão nervosa, astenia e depressão seriam controladas pelas condições meteorológicas e climáticas. A abordagem climatológica da religião do médico William Falconer, ao fim do século XVIII, segundo a qual práticas e crenças religiosas refletem o clima, é examinada; ele entende ser o monasticismo um movimento religioso típico dos climas quentes, pois esses predispunham as pessoas ao descanso, ao repouso, à meditação e à quietude. A título de digressão, posto que a observação não está no presente livro, Albert Einstein, em 1925, quando em visita ao Brasil para divulgar os seus estudos sobre a relatividade, entendeu que os elogios e os discursos longos eram hábitos humanos de causação meteorológica: “Acredito que tal tolice e irrelevância tenha relações com o clima”.

Na Parte 3, sobre o Clima e a Riqueza, discutem-se ideias das quais resultaram zoneamentos econômico-climáticos vinculando a proximidade da linha do Equador à pobreza. Poderia o clima de um país determinar a sua riqueza? O autor expõe a teoria da latitude & lassidão: climas quentes provocam letargia e pouca predisposição ao trabalho (preguiça/indolência). Há uma escola de Geografia econômica baseando-se nas afinidades entre clima e riqueza. Trata-se de uma tradição associada aos nomes de Ibn Kaldun – reconhecido como o pai da ideia cíclica das civilizações associada ao clima – e de Montesquieu, e o halo dessa tradição embraga, cada qual ao seu modo, D. Hume, Adam Smith, Huntington, Toynbee, entre outros. O autor avalia a influência da geofilosofia de Montesquieu sobre as reflexões de I. Kant acerca das raças humanas, de David Hume sobre o caráter das nações, sobre os textos geográficos de mentalidade zonal deixados por Alexander Humboldt e F. Ratzel e as conexões feitas por Thomas Jefferson entre o clima, a fisiologia do africano e o trabalho escravo. Se os climas quentes não eram confortáveis para os europeus, quem afinal senão escravos africanos deveriam trabalhar nos trópicos para extrair as riquezas do solo nas *plantations*? O autor expõe vários mapas de confortabilidade humana do globo construídos por essa filosofia zonal. O discurso da tropicalidade de Pierre Gourou (1947) exerceu larga influência no âmbito da visão zonal das populações humanas. Porém, como intelectuais das zonas tropicais utilizaram esse discurso para gerar contraponto de identidade e afirmação cultural não é examinado no livro.

Na Parte 4 – relações entre o Clima e a guerra – exploram-se as afirmações acerca da influência desse geofator sobre o temperamento dos povos. Hipócrates, Estrabão e Montesquieu entendiam serem os povos distintos em suas propensões para a guerra e a conquista. O último reconhecia que os climas frios induziam os povos que aí viviam à bravura, enquanto os climas quentes levavam ao temor e à hesitação. Estrabão afirmou que povos vivendo em climas confortáveis eram mais equilibrados, gentis, ao passo que povos de climas agressivos teriam propensão belicosa. A guerra é vista como um mecanismo de adaptação ao meio climático. Avaliam-se também, na obra, estudos que vinculam a Pequena Idade do Gelo a conflitos e revoltas na Europa do século XVII e à expansão

guerreira comandada por Gengis Kahn, que, no século XIII, teria se aproveitado da melhoria nas condições climáticas – chuvas acima da média, umidade, oferta de gramíneas – para estender geograficamente suas conquistas. Contemporaneamente, proliferam cenários-sugestões ou profecias de que o aquecimento global poderá nos anos a seguir aumentar conflitos: guerras civis, insurreições, revoltas violentas etc. Estabelece-se então uma geopolítica das mudanças climáticas. Seguem as pesquisas tentando correlacionar conflitos armados com as variáveis precipitação pluviométrica, comportamento térmico, elevação do nível do mar... Há várias formas de dissimular fatos e esconder razões! Dr. Livingstone põe em contraste a multiplicidade das vozes em dissonâncias ou convergências em torno das mudanças climáticas. Ao longo do texto, incessantemente, há suspensões de teses e depois apreciações e assim as ideias circulam diante dos olhos do leitor, de modo que ele não é induzido a se tornar adepto de nenhuma visão, escatológica ou não. A capacidade do leitor em resistir ao determinismo das interpretações é reforçada e não sequestrada.

Diante das evidências dos severos efeitos causados pelas mudanças climáticas sobre a face do planeta, D. Livingstone recupera o largo espectro das considerações acerca da influência do clima sobre a espécie humana. Esse espectro é mapeado mediante quatro rotas: a via médica, a via da investigação da alma, a via econômica e, enfim, a via militar. Cada caminho analítico desse de exploração não poderia ser estanque; esses roteiros têm apenas caráter metodológico. Cada um deles se encontra, ou mantém naturalmente conexões, com os outros. Partindo dos enfáticos e aguerridos discursos acadêmicos, políticos, jornalísticos etc. contemporâneos sobre as mudanças climáticas, o autor rastreia a herança clássica de pensamentos sobre o clima e o tempo e cria um campo ou uma região de ideias colhidas em distintos momentos seculares e que acabam tendo própria-autonomia, formando algo que transcende o aqui e o agora que então se ilumina. O livro conta a história de uma ideia, a ideia de clima. Haveria uma relação entre clima e punição, seja em termos teológicos, seja em bio-históricos? As ecofícções, as distopias, os cenários paisagísticos catastróficos, tudo isso exibe parentescos com a escatologia clássica judaico-cristã. Bem, Charles Beard registrou na sua Introdução à obra *The Idea of Progress*, de J. Bury, que o mundo é regido por ideias, irrelevante, sejam elas verdadeiras, sejam falsas. No epílogo, J. Bury afirma que é resistente a ilusão humana em um final e então sugere a sabedoria do poeta e filósofo satírico romano Horácio Flaco (65 aC- 8 aC): “*Carpe diem quam minimum credula postero*”.

Referências

GLACKEN, C. *Traces on the Rhodian Shore: Nature and Culture in Western Thought from Ancient Times to the End of the Eighteenth Century*. Berkeley: University of California Press, 1967.

GOUROU, P. *Les pays tropicaux: principles d'une Geographie Humaine et Economique*. Paris: Press Universitaire de France, 1947.

LIVINGSTONE, D. *The Empire of Climate: A History of an Idea*. Oxford: Princeton University Press, 2024.

PATTISON, W. As quatro tradições da Geografia. *Boletim de Geografia Teórica*, v.7, n.13, p.101-10, 1977.

Nilson Cortez Crocia de Barros é professor titular no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduado e mestre em Geografia pela UFPE, doutor e livre-docente pela FFCHL-USP, pós-doutoramento da U. de Durham, Reino Unido. @ – nilson.barros@ufpe.br / <https://orcid.org/0000-0002-7633-3085>.

Recebido em 20.5.2025 e aceito em 10.6.2025.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Geografia, Recife, Pernambuco, Brasil.